

«Salvé Salazar!»

Uma carta de Raul Leal (Henoch) ao fundador do Estado Novo português

António Almeida*

Palavras-chave

Raul Leal, António de Oliveira Salazar, correspondência, *Sindicalismo Personalista*, Guerra Fria, Guerra Colonial Portuguesa.

Resumo

O prolífico escritor e filósofo Raul Leal (1886-1964) enviou centenas de cartas a algumas das mais destacadas personalidades do seu tempo. Estas cartas são importantes não apenas para compreender o movimento modernista português, mas também dão um testemunho da evolução do génio especulativo deste autor. O rascunho desta carta ao Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar aqui apresentado é um contributo para o estudo das relações e pensamento de um homem singular que, apesar das dificuldades materiais e da incompreensão dos seus contemporâneos, optou por trilhar um caminho individual dedicado ao Espírito.

Keywords

Raul Leal, António de Oliveira Salazar, correspondence, *Sindicalismo Personalista* [Personalist Syndicalism], Cold War, Portuguese Colonial War.

Abstract

The prolific writer and philosopher Raul Leal (1886-1964) sent hundreds of letters to some of the most distinguished personalities of his time. Not only are these letters important for the understanding of the Portuguese modernist movement, but they also provide a testimony of this author's speculative genius evolution. The draft of this letter to the President of the Council of Ministers, António de Oliveira Salazar presented here is a contribution to the study of the personal interactions and thought of a peculiar individual who, despite serious financial problems and the lack of recognition and understanding shown by his contemporaries, chose to tread an individual path, devoted to the Spirit.

* Universidade Nova de Lisboa, Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS).

Das cartas de Raul Leal já trazidas a público, para além das que têm como destinatários os seus companheiros de *Orpheu*, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro ou José de Almada Negreiros, e da *Presença*, como José Régio, João Gaspar Simões, Alberto de Serpa e Mário Saa, avultam aquelas que trocou com outros intelectuais portugueses de diversos quadrantes, como António Pedro, Jorge de Sena ou Álvaro Ribeiro, mas também estrangeiros, como Gabriele d'Annunzio, Filippo Tommaso Marinetti ou Aleister Crowley.

Contudo, a sua produção epistolar não se restringiria ao campo intelectual e artístico, pois também escreveu a detentores dos mais altos cargos políticos nacionais como Oliveira Salazar e Craveiro Lopes, personalidades a quem não se coibia de dirigir com recomendações ou pedidos, fiado naquilo que julgava ser o seu estatuto de grande figura histórica.

São centenas de cartas que nos permitem não apenas compreender o papel desempenhado pelo autor nas atividades do movimento modernista, mas também lançar uma luz sobre o carácter heterodoxo do seu pensamento, singular no panorama filosófico português.

Pese embora o facto de nunca ter ocupado qualquer cargo político ao longo da sua vida, Raul Leal começou a revelar uma marcada propensão para o combate ideológico no ambiente tradicionalista e reaccionário coimbrão. Com efeito, enquanto frequentava o Curso de Direito, foi um dos Intransigentes que na sequência da Greve Académica de 1907, se recusaram a matricular nos exames na Universidade de Coimbra enquanto os alunos expulsos após o desfecho dos processos disciplinares não fossem amnistiados. Por essa altura, despontaram igualmente em si tendências anárquicas determinantes para a sua recusa futura de enfileirar em partidos políticos e para a opção por um percurso individual.

Assim, numa primeira fase, defendeu a restauração da monarquia assente na instituição prévia de um regime ditatorial. O objetivo era equilibrar as finanças e desfazer os erros crassos dos políticos da Primeira República, incapazes de modificar o ambiente de constante instabilidade e crispação em que se vivia. No entanto, o seu monarquismo não se moldava nem à Causa Monárquica de Alfredo Pimenta ou de Ayres d'Ornellas, lugar-tenente de D. Manuel II, cujo órgão oficial era o *Diário Nacional* (1916-1919), nem ao Integralismo Lusitano, de António Sardinha, Alberto de Monsaraz, Hipólito Raposo ou Luís de Almeida Braga, cujo órgão oficial era a *Nação Portuguesa – Revista de Filosofia e Política* (1914-1916). Por conseguinte, a sua atividade doutrinária foi levada a cabo, entre outros, em jornais monárquicos independentes como *O Liberal* (1917-1918), *O Tempo* (1922), *A Palavra* (1922), *Correio da Noite* (1924-1926), *A Reacção* (1925) e, finalmente, no panfleto *O Rebelde* (1927), de que era o único redator e editor.

No que respeita ao pensamento político, Raul Leal e Fernando Pessoa coincidiam em pelo menos um ponto, nomeadamente no desprezo intelectual a que votavam Afonso Costa, líder do Partido Democrático. Este facto levou o

primeiro a produzir o manifesto antirrepublicano e anti-afonsista *O Bando Sinistro – Apelo aos Intelectuais Portugueses*, e o segundo a escrever o texto fragmentário “A Oligarquia das Bestas” e a carta-blage do engenheiro sensacionista Álvaro de Campos após a queda do elétrico por parte do estadista¹. Contudo, no campo da teorização política, era mais aquilo que os separava que aquilo que os unia.

No seio da revista *Orpheu*, Raul Leal era, inclusivamente, a par de Santa-Rita Pintor, o único que assumia as suas convicções monárquicas abertamente, o que teria repercussões na sua vida quando, na sequência da polémica originada pelo manifesto atrás referido, se viu forçado, no final de dezembro de 1915, a partir para o exílio em Espanha, onde viveu na mais abjeta miséria. Na carta escrita a Mário de Sá-Carneiro nos dias 27 e 28 de janeiro a partir de Sevilha, Raul Leal traçou um quadro tão negro da sua estadia em Espanha que o autor de *Dispersão* a tratou logo de reencaminhar a Fernando Pessoa, de tal modo o teria impressionado.

O autor de *O Bando Sinistro* permaneceu no exílio espanhol durante um ano e meio, apenas sendo repatriado pelo Consulado português em meados de 1917. Por essa altura, estabeleceu as bases do Paracletianismo, religião do Espírito Santo ou Divino Paraclete que começou a anunciar, encarnando o profeta Henoch. Para além disso, passou a defender como sistema político ideal a Monarquia da Graça, “instituição que regerá os destinos das nações dentro do Super-Estado, ou Estado em que todos os indivíduos participam do Governo através da representação mais lata permitida pelo sindicalismo personalista” (GOMES, 2000: 209).

Logo a partir do início da atividade do diário monárquico independente *Correio da Noite* (maio de 1924), Raul Leal assumiu as funções de redator e pugnou pela restauração do regime monárquico. A intervenção doutrinária em prol desse desígnio apoiada em artigos violentos como “Momento grave” (LEAL, 1924a: 2) e “A ruína de um povo” (LEAL, 1924b: 1) criaria, num primeiro momento, o ambiente propício a um levantamento antirrepublicano fundado no descontentamento geral face à inoperância dos sucessivos governos. Este aspeto, em conjugação com o facto de ter sido vigia e agente de ligação civil durante as revoltas militares do 18 de abril e do 19 de julho de 1925, concorreram para que passasse a apresentar-se como revolucionário desses golpes militares precursores do 28 de maio de 1926.

Este último golpe, levado a cabo pelo Marechal Gomes da Costa e pelo Capitão-de-Fragata Mendes Cabeçadas, instaurou um regime militar de índole antiparlamentar, que pôs fim à Primeira República e apadrinhou em junho de 1926 a chegada à política nacional de António de Oliveira Salazar, até então Professor de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social na Universidade de Coimbra para ocupar a pasta das Finanças. Sairia poucos dias depois por não lhe ter sido dada a total liberdade de movimentos que reclamava, o que veio a suceder passados dois anos, com a eleição de Óscar Carmona para Presidente da República.

¹ Para uma visão mais detalhada da polémica originada por este manifesto, cf. ALMEIDA (2015) e (2017b).

O economista seria bem-sucedido na tarefa de equilibrar as finanças portuguesas e contribuiria de modo decisivo para o consolidar da ação da ditadura militar, levando posteriormente à criação do Estado Novo com a aprovação de uma nova Constituição em 1933, sob o regime de partido único, a União Nacional

Os méritos salazaristas na contenção da dívida pública e na resolução do caos financeiro que o país atravessava abririam portas a quase meio século de ditadura, com uma larga base de apoiantes nos quais se incluíam Raul Leal e até o próprio Fernando Pessoa, embora no caso deste de modo passageiro.

A “odisseia complicada” de *Sindicalismo Personalista*

Desde os anos 40 que o fundador do Paralelectianismo tencionava sem sucesso ver editada a sua obra *Sindicalismo Personalista (Plano de Salvação do Mundo)*, por todos os meios, uma vez que a considerava fundamental para a sobrevivência futura da Humanidade. No entanto, esta apenas viria a sair pela Editorial Verbo de Fernando Guedes, no ano de 1960, após uma série de diligências falhadas como a que relatou na carta enviada em 12 de julho de 1954 a Mário Saa, amigo e companheiro de andanças literárias, por exemplo, em *Contemporânea*, *Presença* ou na *Revista da Solução Editora*.

Nesta carta apresentada por João Palma-Ferreira em conjunto com uma cópia de outra a Salazar no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (LEAL, 1981: 8-9)², Raul Leal descreve o que apelidava de “odisseia complicada” para a publicação da obra, queixando-se ao autor de *Evangelho de São Vito* da atitude da Portugália do Porto, editora que, no Outono de 1948, desistiu da publicação depois de já estar composto um terço da obra na tipografia. Nessa ocasião, os responsáveis pela editora teriam imposto um máximo de 160 páginas, ao passo que o seu autor pretendia que a obra tivesse pelo menos 210 a 215 páginas, por não estar, segundo afirma na carta, na disposição de “truncar” o seu pensamento.

Segundo o autor de *Sindicalismo Personalista*, a acrescentar à dimensão da obra, na editora teriam, igualmente dado como pretexto para a desistência o facto de a obra ser demasiado revolucionária, desculpa que, aliás, será utilizada por outros editores para recusarem a publicação pela sua chancela.

Para além da Portugália do Porto, o autor tinha procurado que o livro fosse editado pelas Edições U.P. de António Pedro, pela Empresa Nacional de Publicidade, propriedade do *Diário de Notícias*, pela Federação Anarquista Ibérica, pela Voz do Operário por intermédio de Alfredo Guisado, pela Embaixada dos Estados Unidos da América a instâncias do Jardim Universitário de Belas Artes de

² Todas as citações referentes às cartas de Raul Leal a Mário Saa e Oliveira Salazar apresentadas no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* dizem respeito a esta referência bibliográfica, indicando-se apenas o número da página respetiva.

Guilherme Filipe, pela Ordem dos Advogados, entre outras que a eventual publicação futura da sua correspondência virá por certo a dar testemunho.

Contudo, à revelação das *démarches* inerentes a mais uma tentativa abortada de publicar *Sindicalismo Personalista*, esta carta enviada a Mário Saa acrescenta uma informação relevante, pois ficamos a saber que a carta de Raul Leal cuja cópia a acompanhava, não foi o único contacto epistolar com o Presidente do Conselho, mas antes que no início dos anos 50, este lhe teria escrito pelo menos cinco cartas.

Assim, conforme explicou ao autor de *A Invasão dos Judeus*, Raul Leal, que não conhecia pessoalmente o estadista³, decidiu escrever-lhe em 1950 uma carta “verdadeiramente histórica” (p. 8), a pedir que intercedesse pela publicação de *Sindicalismo Personalista*, que entregou com uma cópia do livro ao seu secretário particular, José Luciano Sollari Alegro. O autor transcreveu a frase final dessa carta para dar testemunho a Mário Saa da sua contundência: “Se apesar do que acabo de expor, o Eminente Estadista que é o doutor Oliveira Salazar, não deferir a minha petição, a História o julgará. Porque se V. Exa. é uma alta Figura Histórica, eu também sou” (p. 8).

Na sequência desse pedido, Sollari Alegro recomendou-lhe que contactasse o Secretariado Nacional de Informação, apresentando uma proposta para edição do livro, o que este viria a fazer. No entanto, António Tavares de Almeida, chefe dos Serviços de Imprensa do S.N.I. terá recusado editar a obra, respondendo nos seguintes termos: “É uma obra extraordinária, muito pessoal, mesmo excessivamente pessoal e muito ousada. Ainda que não contrarie os princípios do Estado Novo vai desmedidamente além deles e nestas condições também seria demasiada ousadia, da parte do Secretariado, editá-la, não podendo nós tomar esta responsabilidade” (p. 8). A explicação fornecida por parte do alto funcionário deste organismo público vinha, portanto, na linha da apresentada pela Portugália do Porto para não avançar com a edição.

Todavia, o teor da resposta indisps Raul Leal que afirmou ter escrito nova carta a Salazar na qual pedia uma audiência para discutirem a publicação do livro, e para combinarem “uma longa campanha jornalística e oral contra o comunismo” (p. 8) – carta essa a que o ditador não se dignou responder – e ainda outras duas “bastante agressivas e em que dizia verdades duras” (p. 9).

Finalmente, passado um ano, escreveu a carta cuja cópia envia a Mário Saa, datada de 5 de maio de 1952. Nesta, acusava Salazar de ter pronunciado um discurso vazio e de não ter sido capaz de reconhecer o seu génio quando lhe enviou o texto de *Sindicalismo Personalista (Plano de Salvação do Mundo)* para que o Presidente do Conselho intercedesse pela sua publicação junto do Secretariado

³ Embora António de Oliveira Salazar tenha frequentado o mesmo Curso de Direito na Universidade de Coimbra que Raul Leal, apenas iniciou o curso no ano letivo de 1910-1911 enquanto o escritor o concluiu no ano letivo de 1908-1909. Terá sido este o primeiro de muitos desencontros entre estas duas personalidades.

Nacional de Informação ou da Editorial Enciclopédia, L^{da}, responsável pela edição da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

Para além disso, questionava a tomada de posição de Salazar ao afirmar que a salvação do mundo deveria ser deixada “mais ao estudo e à competência dos técnicos do que à fantasia dos ideólogos ou às improvisações dos aventureiros”, algo que Raul Leal considerava ser o vibrar de uma “punhalada nas costas” (p. 9). Nesse sentido, critica a preferência de Salazar pelos técnicos ou “mecanizadores da vida” face aos pensadores com um trabalho árduo de “longos anos de meditação e estudo” (p. 9), como sucedia no caso do autor de *A Liberdade Transcendente*.

Melindrado com o facto de não lhe ser reconhecido o justo valor, o tom aqui patente era de claro desafio, até porque no final Raul Leal repetia as palavras que endereçou a Tavares de Almeida, aquando da recusa da publicação da obra com a chancela do S.N.I.: “Não me querem para amigo. Terão pois, em mim, o mais perigoso e implacável inimigo. Eu tenho sangue italiano”⁴, reforçando nesta carta em jeito de ameaça: “É tempo de cumprir a minha palavra” (p. 9).

Tal como avançámos no número anterior de *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies* (ALMEIDA, 2017: 531-532), muito embora Salazar não tenha satisfeito esta pretensão, ainda assim o autor de *Sindicalismo Personalista* lhe enviou um exemplar do livro editado pela Verbo, que mandou agradecer por intermédio de um cartão-de-visita.

Todavia, o histórico de trocas de correspondência entre estas personalidades não se restringiria às cartas atrás mencionadas, cabendo-nos o ensejo de revelar uma outra até agora desconhecida do público.

Uma carta de Raul Leal ao “Salvador de Portugal”

O rascunho da carta a António de Oliveira Salazar pertencente à magnífica Coleção Fernando Távora que agora apresentamos ostenta no topo do lado esquerdo a data de produção, a saber, 28-4-1961, dia em que o Presidente do

⁴ A mãe de Raul Leal, D. Adelaide Christina Repetto-Dinelli (Rio de Janeiro, 21-5-1850 – Lisboa, 23-1-1923), era filha de Francesco Carlo Dinelli e Emanuella Repetto. Pelo lado materno, era sobrinha do secretário de estado do Papa Gregório XVI, Cardeal Luigi Lambruschini, a quem o autor dedicaria o seu primeiro e único livro poético *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit* (1920). Ainda no Brasil, D. Adelaide contraiu matrimónio com o engenheiro civil Alfredo Casimiro de Vasconcelos e Silva, filho do General de divisão e Comandante da primeira divisão militar, Carlos Benvenuto Casimiro, 1º Visconde de Sagres. O título de Visconde foi transmitido em vida do seu titular ao filho Alfredo Casimiro, mas este viria a falecer na cidade de Madrid em dezembro de 1879, ainda antes do pai, deixando uma filha Elvira Christina de Vasconcelos e Silva, meia-irmã de Raul Leal. Na sequência da morte do filho, seria o General Visconde de Sagres a acolher a viúva e a neta na sua casa em Lisboa, na rua de S. José. Dois anos mais tarde, em 18-12-1881, D. Adelaide casaria em segundas núpcias com Alfredo de Oliveira de Sousa Leal, abastado negociante da nossa praça, de quem teve mais três filhos: Carlos, Raul e Elisa.

Conselho de Ministros completou 72 anos⁵, circunstância pela qual Raul Leal o felicita, “desejando ardentemente que ainda inúmeros anos viva”.⁶

Desconhecemos se foi esta a última carta a ser enviada a Salazar pelo teorizador do “Super-Estado” antes da sua morte em agosto de 1964. Se a compararmos, porém, com outros exemplos da sua correspondência publicada, afigura-se surpreendente a vários títulos, a começar pelo vocativo “Salvé Salazar”, saudação reservada ao chefe de um estado totalitário, à semelhança do que sucedia com “Ave César” para os romanos ou “Heil Hitler” para os nazis, numa lógica de aclamação pública, a contrastar com o tipo de tratamento institucional utilizado, por exemplo, na carta ao mesmo destinatário de que enviou cópia a Mário Saa: “Il.^{mo}. e Ex.^{mo}. Sr. Dr. Oliveira Salazar | Presidente do Conselho”.

Em segundo lugar, este texto de curta extensão para aquilo que era hábito em Raul Leal, pauta-se por um estilo encomiástico e hiperbólico, assente numa grande expressividade, ao passo que na carta atrás referida, o tom é de crítica ou mesmo de desafio evidente.

Salazar é apelidado nesta carta de “Salvador de Portugal”, figura messiânica encarregue de conduzir os destinos desta nação e garante da sua sobrevivência face ao Holocausto de proporções bíblicas que se avizinha, consequência direta da manutenção do clima de Guerra Fria entre americanos e soviéticos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O ditador é, assim, apresentado como timoneiro da “Barca Triunfal Lusitana”, um novo Noé enfrentando um Dilúvio Apocalíptico, agora decorrente de um conflito nuclear imputável à ambição das superpotências de dominar o Mundo, impondo a sua ideologia às outras nações. Não será, então, de estranhar o recurso a uma linguagem de cunho bíblico até pelo facto de Raul Leal se assumir como a reencarnação do profeta Henoch, avô de Noé, a anunciar o advento da Civilização Paracletiana, “a Nova Terra da Promissão” a construir sobre as ruínas desta, após a sua aniquilação material necessária à (re)criação.

Portugal, a “Pátria de Santos, Poetas e Heroes”, será a única a merecer salvar-se desta destruição iminente, castigo divino pelas ações dos homens, por viver em função do Espírito e não da Matéria. A crítica aqui expressa aos restantes povos do mundo envolvidos numa corrida sem precedentes ao armamento nuclear, advém da consciência que um novo conflito teria um efeito devastador na

⁵ António de Oliveira Salazar nasceu em Vimieiro, concelho de Santa Comba Dão, em 28 de abril de 1889 e faleceu em Lisboa, em 27 de julho de 1970.

⁶ Todas as referências à carta dizem respeito à transcrição do rascunho da mesma apresentado neste artigo. O critério adotado foi o de manter a caligrafia original de Raul Leal na transcrição da carta. Para além disso, uma vez que se trata de um rascunho, como sucede com outros existentes, por exemplo, na colecção de manuscritos de Alberto de Serpa vendida à Biblioteca Pública Municipal do Porto, assinalámos os segmentos riscados e as passagens sobrepostas, expurgados posteriormente das cartas enviadas. Este aspeto evidencia a importância atribuída pelo autor à correspondência com os seus interlocutores e o cuidado que punha na sua produção, ciente do seu valor testemunhal futuro.

Humanidade, originando um Apocalipse muito mais mortífero do que o anterior. Aliás, na perspectiva lealina, o clima de Guerra Fria vivido nos anos 60 seria reflexo da publicação tardia de *Sindicalismo Personalista (Plano de Salvação do Mundo)*, posto que as superpotências não teriam tido a chance de extrair a lição contida na obra.

A fórmula lealina reverbera o texto “Sobre um Manifesto de Estudantes” produzido por Fernando Pessoa em defesa de Raul Leal quase quarenta anos antes, aquando da polémica da *Sodoma Divinizada* (1923): “Loucos são os heróis, loucos os santos, loucos os génios, sem os quais a humanidade é uma mera espécie animal, cadáveres adiados que prociam” (LEAL, 1989: 125). A ilação a retirar é que os heróis, os loucos e os génios são aqueles que ultrapassam a sua condição biológica para viver em prol de um Ideal. Sendo assim, o homem deve procurar sublimar a vida, aniquilando a Matéria através de uma opção fundamental pelo Espírito, a única via possível de se aspirar à imortalidade.

Embora não surjam nomeados, podemos depreender que os “jovens amigos e companheiros da Glória” referidos na carta serão os discípulos de Álvaro Ribeiro e José Marinho, impulsionadores do Grupo da Filosofia Portuguesa, pertencentes ao Movimento “57” ou “Movimento de Cultura Portuguesa”. Reunida em torno de jornais como *Acto – Fascículos de Cultura* (1951-52) e *57: Folha Independente de Cultura* (1957-62), da nova geração de filósofos faziam parte António Quadros, António Telmo, Orlando Vitorino, Jesué Pinharanda Gomes, Fernando Morgado, Francisco Sottomayor, António Braz Teixeira e Jorge Preto, entre outros. A estes poderemos acrescentar escritores e críticos literários como Azinhal Abelho, Fernando Guedes, Manuel Anselmo e Amândio César, todos conotados com o “Portugal Livre, Portugal-Pensamento” e “ungidos de Espírito”.

No entender de Raul Leal, estes intelectuais, conduzidos pela sua Voz que “troará como Trompa Divina”, trarão a glória a Portugal, colocando-o na vanguarda da Civilização Paracletiana, conceção utópica em que o Estado é gerido por pensadores que sublimam a Vida, num paralelo estabelecido com a Idade de Ouro dos Descobrimentos portugueses. Porém, ao passo que nessa época as conquistas se faziam essencialmente pela força das armas, agora a missão de espalhar o credo português ficaria apenas reservada ao Espírito, ao Intelecto.

1961 foi um ano negro para a ditadura salazarista, a começar logo em janeiro pelo assalto ao “Santa Maria” por parte de Henrique Galvão logo, que abalou as fundações do regime. Seguidamente, em 15 de março de 1961, deu-se o início da Guerra Colonial com os confrontos entre as forças armadas portuguesas e os rebeldes dos movimentos de libertação em Angola, um mês antes da escrita desta carta. Finalmente, em dezembro, teria lugar a invasão dos territórios indianos de Goa, Damão e Diu pelas tropas da União Indiana de Nehru.

No entanto, as sementes do fim do Império Colonial português tinham sido plantadas alguns anos antes, com a participação de seis países africanos independentes na Conferência de Bandung (abril de 1955), reunião de países

terceiro-mundistas não-alinhados com as posições americanas ou soviéticas, que deu um impulso aos desígnios das nações africanas de se tornarem independentes.

Contrariamente às resoluções tomadas no âmbito da Organização das Nações Unidas desde o final da Segunda Guerra Mundial, Portugal recusava deixar de exercer o seu poder sobre as províncias ultramarinas e conceder a autodeterminação aos povos nativos. Esta recusa desembocaria numa política de isolacionismo face à comunidade internacional sob o lema “Orgulhosamente Sós”, inspirado numa expressão utilizada por Salazar no discurso proferido em 18 de fevereiro de 1965, na tomada de posse da nova Comissão Executiva da União Nacional, para caracterizar a posição portuguesa nesta matéria.

Em linha com o regime, Raul Leal defendia a manutenção do Império ultramarino português, pois acreditava que Portugal tinha um papel de relevo no mundo: o de civilizar os povos autóctones, fruto da sua capacidade para os elevar espiritualmente. Segundo o autor, o povo português distinguia-se dos outros povos coloniais pelo tratamento humano e anti-racista dos nativos. Nesse sentido, como sustentava em “O sentido esotérico da História” (LEAL, 1962a: 9), artigo no qual profetizava a plena realização do Quinto Império Bíblico, o povo português era o candidato ideal a espalhar o Paracletianismo, dominando o mundo por obra do Espírito e não da Matéria como o faziam os americanos (capitalismo liberal) e os soviéticos (materialismo dialético) que procuravam alargar a sua esfera de influência aos países africanos, asiáticos ou latino-americanos. Tratava-se pura e simplesmente de um imperialismo económico, sem qualquer tipo de preocupação face ao bem-estar dos povos nativos, ao invés do que era a prática dos portugueses.

Em artigos como “Defesa de um colonialismo racional – Criação dos portugueses” (LEAL, 1960a) e “Portugal perante muçulmanos, hindus e pretos” (LEAL, 1962b), o autor evidenciava uma atitude paternalista face aos colonizados, ao postular a ideia de que as colónias de África e da Ásia eram ingovernáveis pelos seus próprios meios e que necessitavam dum Portugal forte e civilizador, em muito maior grau do que a metrópole precisava delas, oferecendo como ponto de comparação os países vizinhos envolvidos em constantes guerras internas.

Não obstante estarmos perante duas figuras históricas com vidas e temperamentos diametralmente opostos, Raul Leal subscrevia totalmente a atitude anticomunista de Salazar, diabolizando o perigo vindo de leste. Preocupado com o avanço de Moscovo no tabuleiro internacional sob a astuta liderança de Nikita Krushchev, o autor de *Sindicalismo Personalista* encarava a expansão da influência soviética como a vinda de um novo Anticristo ou Besta do Apocalipse. Daí que, logo desde os anos 20, e duma forma mais visível no livro que tão sofregamente procurou editar, o escritor tivesse feito a apologia dos norte-americanos como o único povo capaz de pôr em prática o Sindicalismo Personalista, “fusão integral, absoluta de comunismo, individualismo e fascismo” (LEAL, 1960: 52), regime destinado a preparar a entrada em cena da Civilização Paracletiana.

Baseado nessa premissa, era natural, então, que na carta aqui apresentada, confessasse a Salazar a sua desilusão face ao recém-eleito Presidente democrata John F. Kennedy que tomara posse três meses antes, a 20 de janeiro de 1961 e face à posição americana contrária às políticas coloniais portuguesas, expressa nas Nações Unidas. Assim, manifestando o seu apoio às políticas salazaristas, transcreve os três últimos parágrafos do seu texto “Carta aberta a Kennedy”, publicado no semanário monárquico *O Debate* no dia 8 de abril de 1961 e recolhido mais tarde por Pinharanda Gomes no volume *O Sentido Esotérico da História* (1970).

Raul Leal remata esta carta ao político de Santa Comba Dão, reiterando a sua estima através da fórmula instituída para este efeito: “De Vossa Excelencia eterno e profundo admirador”, mas complementa-a com um elogio significativo: “Com a mais alta consideração Ética e Intelectual me subscrevo”, exaltando as virtudes que aprecia no estadista: o rigor e a competência aliadas à valia intelectual, por um lado, a retidão e dignidade do seu comportamento, pelo outro, virtudes essas que o autor de *Sindicalismo Personalista* não vislumbrava na maioria dos políticos seus contemporâneos.

Por seu turno, Salazar apreciou o gesto, enviando um cartão aparentemente escrito pelo próprio punho para a morada de Raul Leal na Rua dos Condes de Monsanto, 4 – 5º Dto., à Praça da Figueira, que transcrevemos: “Doutor António de Oliveira Salazar | Presidente do Conselho de Ministros | agradeço muito reconhecidamente a amabilidade de V. Ex^ª”. O carimbo no sobrescrito apresenta a data de 29-5-1961 – 20h, ou seja, praticamente um mês após o envio original.



Fig. 1. Envelope (Coleção Fernando Távora).

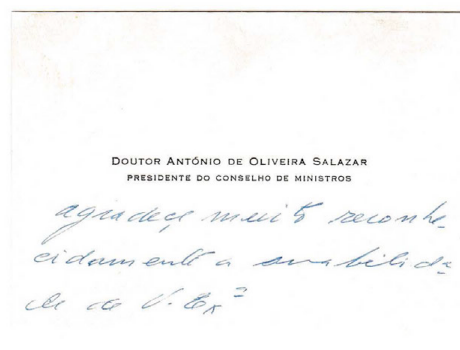


Fig. 2. Cartão de visita (Coleção Fernando Távora).

Mesmo no final da sua vida, minado pela doença e numa situação económica desoladora, Raul Leal ainda disfrutava de crédito junto de alguns setores do meio intelectual português e da imprensa afeta ao regime, como as revistas *Tempo Presente* e *Quatro Ventos* ou os jornais *Diário da Manhã* e *Debate*. Nestes contribuiu com artigos doutrinários em defesa de um Portugal que extravasava as fronteiras continentais, investido de uma missão fundamental: a de criar civilização para benefício dos povos bárbaros, proporcionando-lhes o ensejo de atingir um patamar mais alto na existência, a comunhão com o Espírito.

Em suma, o rascunho desta carta singular de Raul Leal (Henoch) a António de Oliveira Salazar pertencente à Coleção Fernando Távora, que nos foi dado o privilégio de apresentar, oferece-nos um testemunho sobre o pensamento e ações de um visionário construtor de utopias que, apesar da incompreensão dos seus contemporâneos, persistiu na sua demanda do Ideal. Uma personalidade a merecer, sem dúvida, uma atenção crítica mais aprofundada num futuro próximo.

Anexo — Transcrição da carta⁷

28/4/61

Salvé Salazar!

Com toda a minha alma O felecito, <V. Ex^{cia}> [↑ Excelencia] desejando ardentemente que ainda inúmeros anos <v>/V\iva porque neste <i>/I\nstante <s>/S\upremo da nossa Pátria de Santos, Poetas e Heroes só <V. Ex^{cia}. pode> [↑ Salazar pode ser o unico] <s>/S\alva<r>/dor\ [↓ de] Portugal [↑ e, consequentemente, de toda a Humanidade,] timonando a <nossa> Barca Triunfal Lusitana <de †> [↑ a fim de A conduzir] para <n>/N\ova Terra da Promissão através do Dilúvio Tremendo que arrasta hoje todos os outros Povos [↑ do Mundo] amaldiçoados por Deus e por Satan!

Termina<, > assim<, > uma Carta Aberta que escrevi ao Presidente Kennedy, publicada em 8 de Abril no Semanário Monárquico *O Debate*<:/>:\ “Seja como fôr, rodeado pelos meus jovens amigos e companheiros da Glória, a minha Voz troará como Trompa Divina, e será a Voz predestinada e ativa de Portugal Livre, de Portugal-Pensamento, enfim, de Portugal messianicamente Redentor!

“Prontos para o combate, guiados por Deus, ungidos de Espírito, investiremos alucinantemente contra os nossos perversos inimigos, para impormos, enfim, o Génio da nossa Raça de Santos e Heroes como outróra nos campos de Ceuta, de Ormuz e Diu!...

“Na desorientação tremenda em que os povos caóticamente hoje se debatem, só nós, Portugueses, pela Força Indomavel da nossa Alma Criadora, nos salvaremos, enfim, da Enorme Hecatombe que ao longe se <pre> [↑ prepara] **[1]** para devorar o Mundo como Novo Dilúvio Apocalíptico em que renascido Noé, **neto de Henoch**, conduzirá a Barca da Mítica Salvação.”

Com a mais alta consideração Etica e Intelectual me subscrevo

De Vossa Excelencia eterno e profundo admirador

⁷ Segue-se a chave de símbolos das edições da INCM e da Tinta-da-china: † palavra ilegível; <> segmento riscado; <substituído> /substituto\; [↑] [↓] acrescente na entrelinha superior / inferior.

Anexo — Fac-símile do rascunho da carta de Raul Leal a António de Oliveira Salazar, de 28 de abril de 1961 (Coleção Fernando Távora).

28/4/61

Salvé Salazar!

com toda a minha alma e felecito, ^{Excellencia} ~~V. Exa.~~ Desejando ardentemente que ainda inúmeros anos viva porque neste Instanto Supremo da nossa Pátria de Santos, Poetas e Heróis, ^{Salazar pode ser o único} ~~consequentemente de toda a Humanidade~~ ^{para salvar Portugal} ~~temos de nos preparar~~ ^{para a} Barca Triunfal Lusitana ~~de~~ ^{para} Nova Terra da Promissão através do Diluvio tremendo que arrasta hoje todos os outros Povos ^{do mundo} amaldiçoados por Deus e por Satan! Termina, assim, uma carta coberta que escrevi ao Presidente Kennedy, publicada em 8 de abril no Semanário Monárquico O Debate; e seja como for, rodeado de meus jovens amigos e camarádeiros da Glória, a minha voz soará como Trombeta Divina, e será a voz predestinada e ativa de Portugal-Símbolo, de Portugal-Pensamento, enfim, de Portugal-messianicamente Redentor!

«Dontos para o combate, guiados por Deus, ungidos de Espírito, investiremos audacientemente contra os nossos perversos inimigos para impormos, enfim, o Reino da nossa Raca de Santos e Heróis din!...»

«Uma desorientação tremenda em que os povos caóticosmente hoje se debatem, só nós, Portugueses, pela Força Incomensável da nossa alma guerreira, nos salvaremos, enfim, da enorme ameaça que ao longe se prepara»

Fig. 3. Carta de Raul Leal a António de Oliveira Salazar [28-4-61]; rosto da folha.

para devorar o mundo como o Novo Dilúvio
apocalíptico em que renascido Você, neto de
Henoch, conduzirá a Barca da Mítica Salvação,
com a mais alta consideração ética e intelectual
me subscrevo
De Vossa Excelência eterno e profundo
admirador
Raul Leal (H.)

Fig. 4. Carta de Raul Leal a António de Oliveira Salazar [28-4-61]; verso da folha.

Bibliografia

- ALMEIDA, António (2017). “O Bando Sinistro: ato inaugural do “especulador de Política” de Orpheu”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 522-546 [Doi: 10.7301/Z0WM1BMX].
- _____. (2015). “‘Brandindo o cutelo da Maldição’ – Em torno do manifesto *O Bando Sinistro* de Raul Leal”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8, Outono; pp. 564-601 [Doi: 10.7301/Z02V2DBH].
- BARREIRA, Cecília (1981). *Nacionalismo e Modernismo – De Homem Cristo Filho a Almada Negreiros*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LEAL, Raul (1996). “Duas cartas de Raul Leal (Henoch) a Mário de Sá-Carneiro e ao heterónimo”, in Mário Cesariny de Vasconcelos, *O Virgem-Negra – Fernando Pessoa explicado às Crianças das Naturais e Estrangeiras por M. C. V.* Lisboa: Assírio e Alvim, pp. 95-114. 2ª edição revista e aumentada, Col. Peninsulares Especial, n.º 31. [A Mário de Sá-Carneiro, Sevilha, 27 e 28 de janeiro de 1916; e a Fernando Pessoa, Toledo, dezembro de 1916.]
- _____. (1987). “Duas cartas inéditas de Raul Leal (1886-1964)”, apresentação de José-Augusto França, in *Colóquio-Letras*, n.º 95, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro-fevereiro, pp. 74-79. [A António Pedro, Lisboa, 12 de fevereiro de 1936; e a Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, 24 de março de 1936.]
- _____. (1981). “Duas cartas inéditas de Raul Leal (a Mário Saa e Oliveira Salazar)”, apresentação de João Palma-Ferreira, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, dir. José Carlos Vasconcelos, Ano I, n.º 12, Lisboa, 4 de agosto, pp. 8-9. [A Mário Saa, Lisboa, 12 de julho de 1954; e a Oliveira Salazar, Lisboa, 5 de maio de 1952.]
- _____. (1962b). “Portugal perante muçulmanos, hindus e pretos”, in *A Cooperação – Revista Mensal de Cultura, Informação e Divulgação das Actividades Económicas Nacionais*, dir. José da Silva Baptista, Ano VI, n.º 76, Lisboa, agosto, pp. 24 e 40.
- _____. (1962a). “O sentido esotérico da História”, in *Diário da Manhã*, dir. Barradas de Oliveira, Ano XXXII, n.º 11102, Lisboa, Página Encontro, 28 de maio, pp. 9-10. [Publicação com variantes em “Messianismo Lusitano”, in *O Debate – Semanário de Crítica e Actualidade*, dir. Jacinto Ferreira, Ano XII, n.º 590, Lisboa, 7 de julho, p. 2.]
- _____. (1961). “Carta aberta ao Presidente Kennedy”, in *O Debate – Semanário de Crítica e Actualidade*, dir. Jacinto Ferreira, Ano XI, n.º 525, Lisboa, 8 de abril, p. 8.
- _____. (1960b). *Sindicalismo Personalista – Plano de Salvação do Mundo*. Lisboa: Verbo.
- _____. (1960a). “Defesa de um colonialismo racional – Criação dos portugueses”, in *Tempo Presente – Revista Portuguesa de Cultura*, dir. Fernando Guedes, Ano I, n.º 11, Lisboa, março, pp. 28-35.
- _____. (1924b). “A ruína de um povo”, in *Correio da Noite*, dir. José Duarte Costa, Ano I, n.º 128, Lisboa, 29 de setembro, p. 1.
- _____. (1924a). “Momento grave”, in *Correio da Noite*, dir. José Duarte Costa, Ano I, n.º 1, Lisboa, 2 de maio, p. 2.
- LEAL, Raul, Fernando Pessoa, Álvaro Maia, et alli. (1989). *Sodoma Divinizada: Uma polémica iniciada por Fernando Pessoa a propósito de António Botto, e Também por Ele Terminada, com Ajuda de Álvaro Maia e Pedro Teotónio Pereira (da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa)*, organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena Editora. Coleção Memória do Abismo n.º 23.
- GOMES, Pinharanda (2000). “Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta”, in *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 1. Lisboa: Caminho, pp. 263-272.
- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.